PSICANÁLISE NAS INSTITUIÇÕES: NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO E A INTERVENÇÃO[1]

Psychoanalysis in institutions: notes on training and intervention

JARDIM, Luciane Loss
Faculdade Jaguariúna

Resumo: Este trabalho apresenta algumas vicissitudes da inserção do psicanalista nas instituições. Aborda a problemática da formação do psicanalista a partir do seu ingresso na universidade, no que concerne ao ensino da psicanálise, diferenciando-a da transmissão da mesma. A partir do conceito de transferência em psicanálise traz algumas contribuições a prática clínica em instituições de saúde. Conclui o texto propondo sobre possibilidades de intervenção a partir do lugar do psicanalista.
Palavras Chaves: Psicanálise, Formação, Intervenção

Abstract: This paper presents some vicissitudes of inserting the psychoanalyst in institutions. Addresses the problem of formation of the psychoanalyst from its entry into university, regarding the teaching of psychoanalysis, differentiating it from the same transmission. From the concept of transference in psychoanalysis brings some contributions to clinical practice in health care settings. Concludes by proposing possibilities for intervention from the place of the psychoanalyst.

Key Words: Psychoanalysis, Education, Intervention

INTRODUÇÃO

Uma universidade é uma instituição pluridisciplinar de formação dos quadros de profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano. Uma universidade provê educação tanto terciária, ou seja, graduação como quaternária, pós-graduação. A universidade tem como função a transmissão do conhecimento, a difusão da informação e formação das pessoas.

O ingresso dos psicanalistas na universidade vem ocorrendo nas últimas décadas de forma consistente, e vem gerando uma produção de conhecimento que pretende dar conta do trabalho que se realiza neste âmbito, mas que simultaneamente implica certa problemática, que deve ser abordada, naquilo que tange à transmissão da psicanálise e consequentemente a formação dos analistas.

[1] Trabalho apresentado na I Jornada de Psicanálise da Faculdade Jaguariúna "Psicanálise nas Instituições".

ISSN 1679-8902

A formação do psicanalista é baseada no conhecido tripé, análise pessoal, estudo teórico da teoria psicanalítica e a supervisão da prática clínica. A partir da entrada da psicanálise na universidade parte desta formação do analista, ou início dela, vem se realizando no âmbito universitário, sobretudo no que concerne ao estudo teórico.

O primeiro contato que jovens universitários têm com a psicanalise é através de disciplinas dos cursos de graduação das áreas de saúde, educação e ciências humanas, tais como psicologia, medicina, enfermagem, assistência social entre outros, e logo nos inúmeros programas de residências, especializações e pós-graduações no Brasil e no exterior.

Nesta perspectiva se insere o Curso de Especialização em Teoria e Prática Psicanalítica oferecido através da FAJ. Este curso é voltado aos profissionais de curso superior que queiram se aproximar da psicanálise. Inscreve-se como um espaço de estudo sistemático dos textos de Freud e Lacan, abordando os conceitos fundamentais da psicanálise e articulando-os com a clínica psicanalítica e a psicopatologia. Busca um diálogo entre a clínica, a pesquisa e as intervenções em psicanálise e os contextos clínico-sócio-culturais.

O presente artigo é oriundo de um trabalho, dentre outros apresentados por professores do curso e convidados, apresentado na ocasião da I Jornada do Curso de Especialização em Teoria e Prática Psicanalítica que ocorreu no final de setembro de 2014 na Faculdade Jaguariúna. O evento teve como finalidade, por um lado, celebrar um período, que é o de conclusão da primeira turma deste curso. E, por outro abrir questões relativas àquilo que se produziu se produz a partir da psicanálise no âmbito universitário, bem como no institucional.

Neste sentido, como coordenadora deste curso me coube fazer a abertura desse dia de trabalho, e levantar algumas questões que concernem a esse percurso e outros no que tange a esse tema da transmissão da psicanálise na universidade e suas consequências de formação.

ISSN 1679-8902

Psicanálise na Universidade

Desta forma, inicio nossas interrogações a partir de algumas colocações de Freud de 1919, no qual proferiu um ensaio denominado *Deve a psicanálise ser ensinada na universidade?* Neste trabalho, Freud explicitou sua opinião a respeito da conveniência dessa iniciativa. Inicia sua argumentação pelo ponto de vista da psicanálise: se a universidade incorpora o ensino da teoria psicanalítica, isso a enobrece e significa uma "satisfação moral para todo psicanalista" (1919 [1918], p.169). Em contrapartida, tal reconhecimento universitário não é essencial, haja vista que o necessário para a formação de psicanalistas pode ser encontrado em institutos com esse fim, ou seja, neles, os psicanalistas têm à disposição bibliografia necessária, assistência das sessões científicas de ensino e contato com psicanalistas experientes. Freud ressalta que a formação prática, indispensável, além de ser alcançada pela análise pessoal, deve ser proporcionada também pela condução de "tratamentos feitos sob a supervisão e orientação dos psicanalistas mais reconhecidos" (p. 169). Elencando, as três atividades fundamentais que são reconhecidas como os pilares da formação do psicanalista: a análise pessoal, a supervisão dos tratamentos e o estudo da teoria.

Circunstancialmente, o estudo da teoria psicanalítica é completamente passível de ser realizado através de disciplinas teóricas oferecidas na universidade. Freud (1919 [1918]) no texto supracitado reconhece a importância que tal ensino pode ter na formação do clínico quanto para a do pensador e pesquisador – e esse reconhecimento determinará a maneira de incluir o ensino da psicanálise no conjunto da formação universitária.

Em relação à formação do médico, Freud salienta as deficiências dos currículos que dão pouco destaque aos fatores psíquicos das manifestações da vida, privilegiando apenas as determinações anátomo-físico-químicas envolvidas nas enfermidades. A consequência disso é uma constante falta de interesse para aspectos do problema que, como afirma Freud, "são os mais interessantes na existência do ser humano, seja são ou enfermo" (1919*j* [1918], p. 170). Esse desinteresse reduz a eficácia das ações terapêuticas, a ponto de deixar o enfermo "mais suscetível à influência de qualquer curandeiro ou charlatão" (p. 170).

ISSN 1679-8902

Neste sentido, Freud pondera que a “criação de uma cátedra de psicanálise” poderia ser a resposta efetiva para essa insuficiência da formação médica, já que a psicanálise “é a mais apropriada para transmitir ao estudante um “conhecimento cabal da psicologia” (1919*j* [1918], p. 170)”. Portanto, assim como Freud entendemos que há um conhecimento da psicanálise que pode ser veiculado de forma catedrática, mas que ele sirva como “conhecimento cabal de psicologia” não permite a dedução de que por isso contemple toda a função da didática que a psicanálise pode oferecer.

Neste sentido, entendemos que a principal didática da psicanálise, é a própria experiência da análise pessoal que será didática para aquele que a ela se enveredar no *a posteriori*. Ou seja, a principal função didática da psicanálise, se revela somente depois do sujeito ter passado pela experiência de psicanalisar-se.

Freud, neste texto de 1919 destaca a função da psicanálise na preparação para o estudo da psiquiatria. A vantagem seria proporcionar ao estudante, com o ensino da psicologia profunda, uma compreensão a respeito dos fatos clínicos observados, haja vista que a formação psiquiátrica oferecida não prevê outra coisa que o ensino descritivo de quadros clínicos e a procura de suas origens orgânicas e comprovações anatomopatológicas, além de só facultar a distinção entre eles com intuitos diagnósticos.

Freud defendia que era preciso começar com “um curso elementar, destinado a todos os estudantes de Medicina, e um ciclo de conferências especializadas, para médicos psiquiatras” (1919 [1918], p.171). Cursos que estão sendo oferecidos, hoje também, a psicólogos e a outros profissionais ligados à saúde, a educação e ação social. A psicanálise se situa como referência importante, fazendo parte de currículos universitários como disciplina introdutória, ou mesmo quando ensinada de forma mais conceitual e específica.

Com Freud, portanto, entendemos que é possível ensinar conceitos da psicanálise de forma dogmático-crítica, através basicamente da leitura dos textos fundamentais de seu corpo teórico.

Entretanto, no que concerne à didática, existem diferenças entre ensinar psicanálise e transmitir psicanálise. As diferenças se colocam, uma vez que por ensino se reconhece a prática que passa adiante o conhecimento do

ISSN 1679-8902

corpo conceitual da teoria e a transmissão da psicanálise deve ser entendida como o processo que, ao indispensável ensino, se junta à prática da experiência da análise propriamente dita, não sem que esta tenha colocado em questão o próprio desejo do analista.

A transmissão da psicanálise, se acontece, supõe que um psicanalista tenha se formado, o que exige outro psicanalista antes. A formação de um psicanalista engloba ensino e transmissão da psicanálise. A transmissão da psicanálise se dá na continuidade do compromisso que forma um psicanalista, ou seja, alguém capaz de levar adiante, tanto quanto possível, tratamentos psicanalíticos. O ensino da psicanálise não tem necessariamente esse compromisso. Nesse sentido o ensino da psicanálise está contido na formação psicanalítica, é viável que ocorra na universidade; mas não dá conta de toda formação psicanalítica.

Desta forma, o ensino da psicanálise pode encontrar lugar fecundo na universidade, entretanto não tem como acolher um dos pilares da formação psicanalítica, pois o dispositivo universitário não pode prever ou exigir a experiência da análise propriamente dita e não pode promovê-la. Portanto, a transmissão da psicanalise só poderá ocorrer a partir de um psicanalista, formado sistematicamente em um divã.

No que concerne ao ensino da psicanálise é possível instruir de forma dogmático-crítica seus conceitos teóricos no âmbito universitário, os resultados podem ser interessantes no sentido de uma apropriação intelectual, mas não produzem os efeitos que só a prática do diálogo analítico propriamente dito promove. No contexto da transmissão da psicanálise, podem-se experimentar efeitos da existência do inconsciente, de criar convicção, no entanto, da perspectiva da formação do analista isso também não basta e é necessária uma modificação para além da pura constatação do trabalho das formações do inconsciente.

Portanto, a formação de um psicanalista implica que, além de estudar e apreender a teoria, ele terá se submetido à experiência de sua análise pessoal, e é isso que virá a forma-lo como psicanalista. Assim, a parte principal da formação do psicanalista, por ocorrer em sua análise, não pode ser efeito de uma prática universitária. Pois, a análise do analista é o pilar fundamental para a efetividade da psicanálise.

ISSN 1679-8902

Desta forma, o analista que pode ou não iniciar sua formação na universidade, sendo apenas uma questão contingencial, nunca concluirá ela neste âmbito. Poderá voltar a ela como analista, entretanto formado alhures, com o seu analista.

Deste modo, entendemos que a transmissão da psicanálise está intrinsecamente ligada a experiência de uma análise pessoal e daquilo que é possível ao psicanalista transmitir dessa experiência na sua práxis no âmbito, no caso universitário. Os efeitos de transmissão, geralmente, são colhidos a posteriori, da intervenção do analista no contexto institucional.

A transferência nas instituições

No âmbito universitário ou institucional existem algumas possibilidades de inscrever efeitos de transmissão da psicanálise a partir da práxis do analista, vou abordar com vocês dois destes efeitos, articulados ao conceito de transferência em psicanálise.

A transferência é um vínculo que se estabelece entre um paciente e seu médico, psicólogo, assistente social, ou outro profissional da saúde, enfim está presente em todas as relações. Conhecer e saber trabalhar com esse elemento é fundamental para o profissional realizar seu trabalho. Poder identificar que figura na transferência o profissional está encarnado para seu paciente, possibilita que o profissional possa realizar seu trabalho, seja seu diagnóstico, intervenção terapêutica, a contento.

O conceito psicanalítico de transferência, pode se revelar como um antídoto contra armadilhas da compaixão e *furor-curandis*, muito comuns ao campo da clínica e da saúde. Pois, uma das questões que sempre é colocada invariavelmente por profissionais desta área é: como é possível prestar assistência sem reforçar a dependência dos que são assistidos?

Em *Intervenção sobre a transferência*, Lacan (1951) sublinha as consequências da presença do analista no tratamento analítico, antes mesmo de qualquer intervenção por parte deste. Isso porque a abstinência do analista faz com que o sujeito evidencie o modo como se remete ao Outro, expondo sua modalidade de gozo ao tomar o analista como objeto, ou em outras palavras, aquilo que é típico daquele sujeito na sua relação com os outros e com o mundo. O aparecimento da maneira como o sujeito constitui seus

ISSN 1679-8902

objetos remete-nos à temática da transferência, sendo que na “relação” entre analista e paciente este atualiza suas formas de gozar.

Nesta perspectiva, tomemos uma situação clínica: em um ambulatório de cefaleia, os médicos dirigiam-se a mim com a seguinte colocação: muitos pacientes com dores crônicas faziam abuso da medicação, melhoravam muito pouco com os remédios prescritos, além de já terem sido administrados quase todas as medicações disponíveis no mercado para aqueles casos.

A demanda dos pacientes era por novas drogas, pois as antigas já não faziam mais efeito, por novas alternativas de tratamento, por novos exames. A equipe médica não media esforços para atender a essa demanda dos pacientes, oferecendo novos agentes terapêuticos, novas combinações químicas proporcionadas pelo arsenal medicamentoso que existe atualmente, direcionado para o sistema nervoso central.

A demanda é um apelo ao Outro quando se quer alguma coisa, aparece na forma de pedidos - me dá, cadê. A demanda é própria do sujeito falante, logo toda fala é uma demanda dirigida ao Outro, diferenciando-a da necessidade, que possui um objeto específico, por exemplo, se está com fome, o alimento é o objeto que satisfaz. Já na demanda não existe o objeto exclusivo, é intransitiva, fica-se exigindo na tentativa de (re)-encontrar o objeto que completa, sendo este para sempre perdido.

A demanda dos pacientes por mais e mais medicamentos, portanto, pode ser entendida na dimensão do gozo, ou seja, na forma de gozar que os sujeitos estabelecem com o outro e que depositam na figura do médico. Trata-se, portanto, de uma transferência reivindicatória, que é atualizada na relação médico paciente. Ele não quer apenas um remédio para aliviar a dor, ele quer um algo a mais, uma dose a mais, algo mais forte, reivindica esse objeto perdido em forma de novas e melhores drogas.

Não precisamos ser médicos ou psicanalistas para saber que quando alguém nos pede algo, isso não é nada idêntico e inclusive, às vezes, diametralmente oposto àquilo que deseja. Há uma falha substancial entre a demanda e o desejo. A demanda está ligada ao gozo, a forma de gozar e reivindicar por mais coisa. O desejo é algo completamente diferente.

Desta forma, a partir da psicanálise, o médico, por exemplo, pode diferentemente do modo habitual, não exercer sua função respondendo a

ISSN 1679-8902

demanda. Uma vez que possa, reconhecer e agir sem se angustiar diante dos avatares que a transferência do paciente suscita na relação médico-paciente.

Neste sentido, é preciso levar em conta também a contratransferência, que é a transferência do profissional com seu paciente. Ou também chamada por Lacan de resistência do analista, que impede o avanço do trabalho analítico. Esta pode estar presente em qualquer relação que se pretenda terapêutica, dificultando ou mesmo impedindo a finalidade a qual se propôs. Nesta perspectiva até o clínico mais experiente pode cometer erros de diagnóstico e consequentemente de tratamento por não poder estar em uma posição de “morto” como disse Lacan, referindo-se a posição do analista em um jogo de cartas. O morto no jogo de bridge não joga com suas cartas, estas estão “mortas”, não entram em jogo.

O analista, terapeuta, psicólogo, médico não deve se positivar sob o risco de cometer erros, de atribuição, de julgamento, de referencia, ou mesmo afetivos. Às vezes, gostar muito de um paciente pode provocar no médico sentimentos que o impeçam de indicar terapêuticas, ou exames invasivos que irão trazer sofrimento para o paciente. Por outro, o narcisismo exacerbado, por exemplo, de um profissional que se considera e é considerado um medalhão na sua área, faz com que este rejeite, por exemplo, aqueles pacientes que não se comportam como ele quer. Como ousam!

Nesta perspectiva, a psicanálise pode ser uma grande aliada do profissional, facilitando o próprio trabalho, uma vez que se tenha analisado suas relações inconscientes de submissão ao Outro e seu modo de gozar. Quando não estamos mais cativos daquilo que nos subjuga em relação ao Outro, encontramos a liberdade de estar por conta própria.

O analista, como propôs Lacan, se situa na dimensão de descer, ou seja, do não ser, pois enquanto analista ele é um ser em negativo, não deve como analista se positivar, ou seja, se posicionar em relação à vida do paciente, conduzir a vida do paciente a partir das suas convicções, preconceitos e conflitos conscientes e ou inconscientes. Para isso serve a análise do analista, para que possa dirigir o tratamento psicanalítico e não a vida dos seus pacientes a partir dos seus paradigmas, preconceitos, determinações inconscientes. A análise de um analista, geralmente, é levada

ISSN 1679-8902

até as últimas consequências, a ponto de produzir aquilo que Lacan formalizou como o desejo de analista.

As relações de trabalho dentro de uma instituição passam pelo viés da transferência, isso é uma prerrogativa para que a produção possa se fazer presente. Sabe-se desde Freud (1912/1974) que, sem transferência não existe psicanálise. Fora da situação de análise, o fenômeno da transferência é constante, presente nas relações, sejam elas profissionais, hierárquicas, amorosas. A transferência que se estabelece entre membros de uma equipe é que possibilita envolver o psicanalista no trabalho com outros sujeitos, que tomará esse viés para fazer avançar o trabalho.

As práticas clínicas em saúde mental sejam estas realizadas nos ambulatórios, enfermarias psiquiátricas dos hospitais gerais ou mesmo nos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), estão inseridas em um discurso.

A formação discursiva, segundo Focault (1995) compreende regras de funcionamento dos objetos, das formas enunciativas dos indivíduos, dos conceitos, temas e teorias. Uma prática discursiva se define por *"um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa."* (Foucault, 1995, p.48). Portanto, podemos pensar que qualquer prática profissional, por mais técnica que possa ser seu exercício, está incluída no campo do simbólico. O simbólico é uma função complexa que envolve toda a atividade humana e que faz do homem um animal fundamentalmente regido pela linguagem.

O campo simbólico foi chamado por Lacan (1969-1970/1992) de campo do grande Outro, e é o ponto de partida no qual o autor elabora a teoria dos quatro discursos articulada no seminário *O avesso da psicanálise* (1969-1970). Essa teoria versa sobre a organização da linguagem específica das relações do sujeito com o significante e com o objeto que determina e regula as formas do laço social.

Os discursos – a saber, discurso do mestre, discurso universitário, discurso da histérica e discurso do analista – organizam-se a partir da posição dos elementos destes discursos. Os quatro discursos se diferenciam a partir da posição que os elementos ocupam nos quatro lugares marcados, cada um

ISSN 1679-8902

deles é um lugar de apreensão dos efeitos do significante. Não é do escopo desse trabalho ingressar diferenciar os efeitos destes, entretanto menciono para poder articular aquilo que concerne ao dito discurso psicanalítico.

O discurso psicanalítico é o único entre os quatro discursos propostos por Lacan no seminário do *O Avesso da Psicanálise,* que se dirigi ao outro como um sujeito. Dessa forma, trata-se de estabelecermos um laço social que convoque o sujeito do inconsciente. Nessa direção, a partir de uma intervenção, podemos produzir artificialmente a histerização do discurso, ou seja, uma estrutura que se opõe a todo o saber pré-estabelecido.

Desta forma, podemos pensar que a ação do analista em uma instituição precisa ser conduzida a partir do discurso do analista, não como um saber a mais entre tantos outros que toma o outro como um objeto do conhecimento. Ingressar como “mais um” na equipe, exercer uma função de alteridade é como penso que seja possível trabalhar em uma clínica feita com muitos profissionais.

Considerações Finais

Portanto, penso que é a partir desde discurso com qual podemos trabalhar nas instituições, pois ele é o único laço social que trata o outro como sujeito. Nessa direção caminha o trabalho em uma equipe multidisciplinar, pois na psicanálise trata-se de um saber que não se sabe e isso deve valer também para o analista, ou como propôs Lacan (1955/1998) ao se referir à posição do analista, que é de *ignorância douta*.

O trabalho do analista em uma instituição se dá pela possibilidade que esse tem de sustentar o discurso analítico, também, fora do *setting* analítico, sem tentar instituir a psicanálise como outro saber, ou um saber a mais ou um saber sobre os demais. Pois, quem institui um saber e ou uma forma de poder é o discurso do mestre. O discurso do mestre é o discurso da instituição e seu avesso é o discurso do analista, sua emergência não institui e nem comanda um trabalho institucional, entretanto, causa transferência.

A psicanálise é uma práxis, como nos colocou Lacan, realizada por um psicanalista. Uma práxis que é sustentada pela formação de um psicanalista. Nesta perspectiva, me parece importante apontar para o caráter subversivo da

ISSN 1679-8902

ação do analista naquilo que é o instituído pela instituição. O trabalho, portanto, no meu entender, vai em direção à subversão do sujeito e a dialética do desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.48.
FREUD, S. *A dinâmica da transferência (1912)* in: **Obras Completas**.Rio de Janeiro: Imago, 1974.
_____. *Deve a psicanálise ser ensinada na universidade?* (1919)in**: Obras Completas.**Rio de Janeiro: Imago, 1974.
LACAN, J. (1951) Intervenções sobre a transferência in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
_____. (1955) Variantes do tratamento-padrão in **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
_____. (1969-1970) **Seminário 17, O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ISSN 1679-8902